

# O Brasil e a economia mundial

Quando, na reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Bangcoc, foram apresentadas ao Comitê Interino as previsões para a economia mundial em 1992, o secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, declarou que os relatórios dos anos anteriores haviam sido muito otimistas, sendo o último ainda mais róseo. Pelo que ele entende, será muito difícil chegar a uma verdadeira recuperação no próximo ano. É o que parece refletir a nova estimativa apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que reduziu as previsões do FMI. Ainda que a nossa economia esteja muito fechada, cumpre-nos saber que teremos de enfrentar uma conjuntura mundial difícil, justamente no momento em que precisamos ampliar nossas exportações.

O ano de 1991 foi um dos piores dos últimos exercícios para a economia mundial, registrando queda de 0,3% em relação ao resultado medíocre de 1990 (+1,0%). Ora, para 1992, prevê-se um crescimento de apenas 1%, inferior

àquele apontado na estimativa do FMI (1,4%). Ao que parece, estamos voltando aos ciclos econômicos, teoria já afastada por alguns economistas.

As previsões para 1991 foram excessivamente otimistas por duas razões: a reconstrução da infra-estrutura do Oriente Médio não foi tão rápida quanto se calculava e a crise no Leste Europeu, especialmente na URSS, foi mais profunda do que se havia imaginado. Resultou desses fatos uma redução do comércio exterior que apresentou um crescimento de apenas 1%, a taxa mais baixa desde 1982, acompanhada de uma queda de 6% do preço das commodities. O Brasil, naturalmente, se ressentiu desse impacto.

Há, no relatório da ONU, um aspecto que merece ser destacado: num mundo em crise, as economias da América Latina e do Caribe acusaram em 1991 um crescimento de 2,7% contra uma queda de 0,5% registrada no ano anterior. Calcula-se que, em 1992, o PIB da região poderá crescer 3%, dependendo tal resultado do Brasil, em que "as previsões

ficam na dúvida", segundo expressão do relatório. Tal afirmação constitui uma advertência e, ao mesmo tempo, um desafio. O relatório das Nações Unidas assinala que os investimentos diretos voltaram à América Latina e o fluxo dos capitais, sob forma de empréstimos, cresceu. O Brasil ficou um tanto à margem desses movimentos de capitais, por não ter resolvido ainda o problema da sua dívida externa. Anteontem, perante o presidente da República, o presidente da Associação das Câmaras de Comércio Europeias, Antônio Gouvêa Vieira, lembrou que a cada ano investimentos diretos, no montante de US\$ 200 bilhões, são feitos no mundo e o Brasil deles poderá se aproveitar.

As perspectivas da economia mundial não são muito favoráveis, mas poderão ser superiores às de 1991. O comércio mundial poderá crescer e os investimentos diretos, especialmente na América Latina, se fortalecerem. A queda das taxas de juros nos ajuda: cumpre-nos saber aproveitar esta oportunidade.